

Nathalie Bianca STORINO^{1*}, Maria Vitória RAVAZI¹, Brenda Jorgino CAVALLI¹, Ana Carolina Souza Ramos de MEDEIROS¹, Thiago Luiz APEL², Artur Gouveia ROCHA³.

¹Aprimorando em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais – Universidade Brasil - Descalvado/SP - BRASIL *Contato: nathstorino@gmail.com

²Preceptor do Programa de Aprimoramento em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais.

³Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade Brasil - Descalvado/SP

PÓLIPO ADENOMATOSO EM OUVIDO MÉDIO EM CÃO FÊMEA: RELATO DE CASO E REVISÃO DA LITERATURA

ADENOMATOUS POLYPUS IN THE MIDDLE EAR IN A FEMALE DOG: CASE REPORT AND LITERATURE REVIEW

Palavras-chave: Pólipo; Otite; Osteotomia de Bula Timpânica;

INTRODUÇÃO

Pólipos são massas não neoplásicas que podem se originar da mucosa de bula timpânica, nasofaringe, e ou trompa de eustáquio. Segundo a literatura, esta condição pode acometer cães, cavalos, humanos, e em maior quantidade gatos^{1,2,3,4,5,6}.

Quando se projetam para a cavidade timpânica, tais pólipos estão relacionados a quadros de otite média, externa ou interna, de acordo com o seu tamanho e inflamação presente^{4,8}. Para diagnóstico do quadro, podem ser considerados achados clínicos, exames diretos ou indiretos da região de orofaringe e conduto auditivo, associados a exames de imagem, tais como radiografia, ressonância magnética, e tomografia computadorizada^{4,7,6,8}. Para diferenciação entre pólipos, condições neoplásicas, ou de origem infecciosa, é indicado a avaliação histopatológica do tecido excisado^{4,6,8,9}.

De acordo com a literatura, técnicas cirúrgicas como osteotomia ventral ou lateral da bula timpânica, ou tração-avulsão, são preconizadas para o tratamento^{1,3,4,6}. Pólipos com origem em ouvido médio foram relatados antes na espécie felina, mas são escassos os casos relatados em cães⁵.

O presente trabalho tem por objetivo detalhar um caso de pólipo adenomatoso em ouvido médio, em uma cadela da raça Buldogue Francês, atendida no Hospital Veterinário Escola da Universidade Brasil, em Descalvado – SP, condição ainda pouco diagnosticada na espécie canina, comparando-se ainda o presente caso, com os demais relatos disponíveis em literatura.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Uma paciente canina, fêmea, da raça Buldogue Francês, com 3 anos, foi atendida no Hospital Veterinário Escola da Universidade Brasil, na cidade de Descalvado - SP, com sinais clínicos compatíveis com síndrome vestibular periférica com piora progressiva há 1 semana. Em exame clínico, a paciente apresentava discreta quantidade de secreção ceruminosa escurecida em orelha externa, além ainda de comportamento apático, dor à abertura da boca e ataxia do tipo vestibular. Realizou-se exame neurológico da paciente identificando-se propriocepção preservada, paralisia do nervo facial em antímero direito de face, com ausência de reflexo palpebral e de ameaça, estrabismo ventral, nistagmo horizontal, e ptose labial neste mesmo lado da face. Coletou-se ainda, amostra da secreção presente e envio da mesma à cultura e antibiograma.

A tomografia computadorizada revelou imagens indicativas de otite média crônica por acúmulo de material purulento e externa direita, com esclerose óssea retroarticular ipsilateral sem incongruência da articulação temporomandibular. A paciente apresentou ainda, como consequência do quadro de paralisia em nervo facial, ceratoconjuntivite seca e úlcera corneana em olho direito, que foi manejada clinicamente havendo resolução em poucos dias. Foi instituído tratamento clínico pré-cirúrgico com objetivo de oferecer conforto da paciente com analgésicos, e manejo de uma possível otite média indicada pela tomografia com antibioticoterapia.

Considerando os achados, recomendou-se tratamento cirúrgico com a técnica de Osteotomia Ventral da Bula Timpânica após exames pré-cirúrgicos de rotina. A paciente foi submetida a cirurgia sob anestesia geral inalatória. Durante o procedimento, foi identificada somente estrutura sólida, amorfa ocupando a cavidade timpânica, que foi excisada e enviada para avaliação histopatológica posteriormente.

A cultura e antibiograma da orelha externa identificou a presença de *Staphylococcus pseudintermedius*, sensível a vários princípios utilizados na rotina; enquanto que, a avaliação histopatológica teve como diagnóstico pólipo adenomatoso de conduto auditivo.

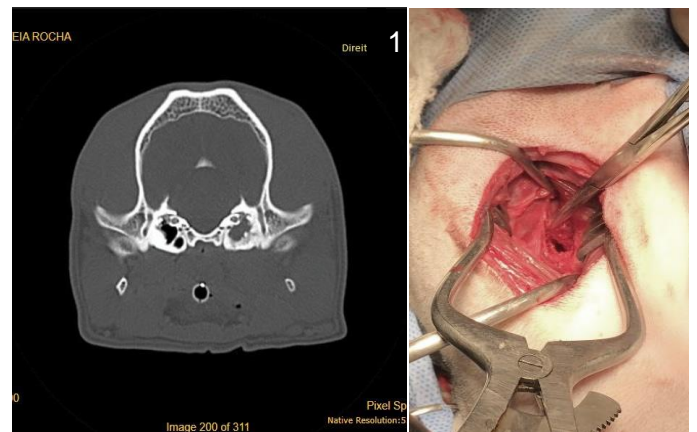


Figura 1: Tomografia computadorizada do crânio da paciente.

Figura 2: Presença de pólipo adenomatoso em região de bula timpânica, em acesso cirúrgico ventral.



CIVEC

Congresso Internacional Veterinário Especializado em Cirurgia

LIGA ACADÊMICA DE CIRURGIA VETERINÁRIA

Após o procedimento, a paciente foi submetida à antibioticoterapia, medicação anti-inflamatória, e analgesia para controle da dor, apresentando quadro estável e com resolução da otite externa. No entanto, a condição de paralisia de nervo facial e “head tilt” para a direita persistiram mesmo após recuperação pós-cirúrgica, com melhora da ataxia, incoordenação e resolução do nistagmo, estando a paciente ativa e normorética até o momento.

O presente caso tem semelhanças com casos já relatados pela literatura na espécie felina, como a síndrome vestibular, otorrêa, nistagmo e ataxia, no entanto, não apresentou sinais respiratórios como secreção nasal, rinite, tosse e espirros^{4,6,8}. Houve ainda, a associação já antes estabelecida entre pólipos em ouvido médio, com otite média e externa refratária a tratamento clínico, além ainda, de a condição ter se apresentado em apenas um dos condutos, de lado direito, como é mais comum que ocorra em gatos^{1,3,5,6}. Déficits do nervo facial ou síndrome vestibular periférica são frequentemente observados em avaliações iniciais, e os tutores devem ser conscientizados que os mesmos podem persistir mesmo após a resolução cirúrgica, como aconteceu no caso relatado¹⁰.

Relatos dessa condição na espécie canina são escassos na literatura. Pratschke (2003), elencou cinco casos de pólipos inflamatórios em orelha média em cães, todos do sexo masculino, com idades entre 4 e 6 anos, exceto por um deles, que atingia a faixa etária de 13 anos. Os aspectos clínicos não foram detalhados. Dois deles apresentavam a condição bilateralmente, enquanto três, de apenas um lado. A escolha de tratamento também foi diferente entre os cinco casos, sendo a osteotomia de bula ventral submetida em apenas um deles, e ablação total de conduto auditivo com a bula lateral nos outros quatro. Apenas quatro destes cães apresentavam otite em algum grau, e dentre os microrganismos isolados, o *Staphylococcus intermedius* era um deles. A paralisia de nervo facial temporária foi relatada em um paciente submetido à ablação lateral da bula timpânica. Já no caso relatado por Blütke et al (2010), que ocorreu também em um cão macho, de 10 anos de idade, o paciente apresentava desequilíbrio, síndrome vestibular, “head tilt” de lado direito, presença de secreção escurecida em ambos os condutos, sem alterações de nervos cranianos ou propriocepção, sendo submetido à osteotomia ventral da bula timpânica. Em um comparativo com o presente relato, houveram semelhanças quanto aos sinais clínicos, à associação com otite, presença de microrganismos, e ainda, com a apresentação unilateral e técnica escolhida, no entanto, se diferem quanto à idade, sexo e sequelas que se perduraram mesmo após a recuperação completa pós operatória.

CONCLUSÃO

A ocorrência de pólipos aurais, relatada com maior incidência na espécie felina, tem aspectos clínicos, fisiopatológicos e de manejo diagnóstico semelhantes entre cães e gatos. O presente relato indica a importância de se incluir os pólipos em ouvido médio de cães dentre os diagnósticos diferenciais incluindo-se fêmeas. O diagnóstico da paciente foi sustentado por meio de exames complementares de imagem, e avaliação histopatológica, e a Osteotomia da Bula Timpânica trouxe alívio dos sinais clínicos para a paciente que ainda mantinha alterações neurológicas em seu último atendimento.

O manejo clínico e intervenção cirúrgica pela técnica descrita cooperaram diretamente para o controle da dor, melhora dos sinais neurológicos e estabilização do animal. Por fim, são necessários mais pesquisas e relatos para aprofundar os conhecimentos e consolidar prevalência de aspectos clínicos, etiológicos e fisiopatológicos de pólipos inflamatórios na espécie canina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDERSON, D. M.; WHITE, R. A. S.; ROBINSON, R. K. Management of inflammatory polyps in 37 cats. **Veterinary Record**, v. 147, n. 24, p. 684-687, 2000.
2. HEAD, K. W.; DIXON, P. M. Equine nasal and paranasal sinus tumours. Part 1: review of the literature and tumour classification. **The Veterinary Journal**, v. 157, n. 3, p. 261-279, 1999.
3. KAPATKIN, A. S. et al. Results of surgery and long-term follow-up in 31 cats with nasopharyngeal polyps. **Journal of the American Animal Hospital Association**, v. 26, n. 4, p. 387-392, 1990.
4. MUILENBURG, Rebecca K.; FRY, Thomas R. Feline nasopharyngeal polyps. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, v. 32, n. 4, p. 839-849, 2002.
5. PRATSCHKE, Kathryn M. Inflammatory polyps of the middle ear in 5 dogs. **Veterinary Surgery**, v. 32, n. 3, p. 292-296, 2003.
6. POPE, E. R. Feline inflammatory polyps. In: **Seminars in veterinary medicine and surgery (small animal)**. 1995. p. 87-93.
7. ALLEN, Heidi S.; BROUSSARD, J.; NOONE, K. Nasopharyngeal diseases in cats: a retrospective study of 53 cases (1991-1998). **Journal of the American Animal Hospital Association**, v. 35, n. 6, p. 457-461, 1999.
8. KIRPENSTEIJN, J. Aural neoplasms. **Seminars in Veterinary Medicine and Surgery (Small Animal)** 8, 17-2, 1993.
9. HARVEY, COLIN E.; GOLDSCHMIDT, MICHAEL H. Inflammatory polypoid growths in the ear canal of cats. **Journal of Small Animal Practice**, v. 19, n. 1-12, p. 669-677, 1978.
10. SMEAK, D. D.; KERPSACK, S. J. Total ear canal ablation and lateral bulla osteotomy for management of end-stage otitis. In: **Seminars in veterinary medicine and surgery (small animal)**. 1993. p. 30-41.
11. BLÜTKE, A. et al. Inflammatory polyp in the middle ear of a dog: a case report. **Veterinární medicína**, v. 55, n. 6, p. 289-293, 2010.





CIVEC
Congresso Internacional Veterinário Especializado em Cirurgia
LIGA ACADÊMICA DE CIRURGIA VETERINÁRIA